

O Pagé: romance naturalista nas páginas do A República

Maurel Ferreira Barbosa *

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir o embate entre o saber tradicional e o saber médico oficial em meio às mudanças e transformações da sociedade paraense de final do séc. XIX. A partir da análise de uma parte da obra inédita de Marques de Carvalho, busca-se compreender a visão de mundo do literato e o olhar de uma intelectualidade sobre a figura do Pajé. No estilo naturalista, tal romance parece corroborar com um projeto de civilização de hábitos e costumes daquela sociedade. Utilizando o jornal como fonte, aliamos História e Literatura, para assim, compreendermos as sensibilidades e significados presentes naquele contexto social, repleto de cientificidade e, ao mesmo tempo, de tradições populares amazônicas.

Palavras-chave: modernidade – naturalismo – saber popular

Abstract: The present article has for goal to discuss the confront between the traditional knowledge and the official medic knowledge in the middle of the changes and transformations of the paraense society in the final of the XIX century. The begging of the analyse of some part of the newest job by Marques de Carvalho. Search to understand the view of the literary world and the view of na intellectuality about the pajé figure in the naturalist style. So romance looklike to confirm with some civilization Project of habits an customs of that society. The newspaper is utilized like source join the history and literature, that's ok. We understand the sensibilities and meanings present in those social context, full of scientificity and, in the same time of popular traditions Amazon.

Word Power: modernity-naturalism-popular knowledge

De manhã enquanto o sol lentamente iluminava as ruas de Belém, na gráfica do *A República*, o mais novo número do matutino paraense começava a ganhar as ruas, trazendo as notícias diárias de um tempo de rápidas e melancólicas transformações. Era um 18 de janeiro de 1886, e em sua segunda folha, o editorial já anunciava: “começamos hoje a publicar um romance naturalista original ao *distincto* acadêmico paraense Marques de Carvalho”¹. Ao virar da página, o leitor paraense já podia encontrar no Folhetim a mais nova obra literária do escritor Marques de Carvalho.

Segundo este, em prefácio

“É O Pagé o primeiro trabalho de seu gênero escripto por um paraense: cabe-me essa glória, tenho a máxima honra em reclamar-a. Desejei fazer um romance que fosse simplesmente um estudo physio psychologico desse personagem astucioso e

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – UFPA.

¹ O romance podia ser encontrado diariamente nas folhas do *A República*, indo de 18/01/1887 a 20/02/1887, dividido em 23 partes.

hypócrita que é o terror dos espíritos fanáticos do povo de minha província; para isso, alienei-me da velha escola romântica, despresei-lhe os abusos e prolixidades, para deixar-me levar pela grande orientação litteraria de nossa época.” (A REPÚBLICA, 1887)

De início, o leitor perceberá a mais nova vertente literária, que imbuída das recentes correntes científicas que o final do século relegara, expõe em suas frias linhas o realismo cru e patológico da sociedade. Trata-se do naturalismo em terras brasileiras, que distante de Zola, sofrera uma espécie de aclimatação por aqui (ARARIPE Jr, 1960). Embora saibamos das enormes críticas que esse naturalismo acabou recebendo, apontado como simples copia ou versão do que se fazia na Europa, o mais sensato seria olharmos esse naturalismo dentro de sua historicidade, compreendendo-o dentro de um contexto a que escritor e obra estejam imersos.

Essa obra naturalista coloca em discussão o papel de uma figura polêmica do dia-a-dia da sociedade paraense à época: O Pajé. Este possuía no imaginário paraense o papel daquele que dominava um saber religioso popular, sendo por diversas vezes requisitado como curandeiro nessas paragens. Assim, nas páginas dos principais jornais da cidade era ele quase sempre notícia de capa. Vítima ou réu era comumente acusado de estelionato ou uso falso da medicina. Principalmente nos casos de polícia, as notícias sensacionalistas enchiam os olhos daqueles que testemunhavam um novo tempo. Pelo menos era o que pensavam aqueles que experimentavam os louros da chamada *Belle Époque*.

Bem sabemos que tamanha reação contra essa figura, tido como “astucioso e hypócrita”, nada mais era do que uma resposta do espírito de modernidade que pairava sobre o país. No Pará um projeto de civilização fora utilizado, e na *francesinha do Norte* a presença de uma imagem que lembrasse a barbárie de tribos de gentis dos confins da selva, não seria bem quista. Dessa forma, Marques de Carvalho soube usar com grande clareza seu poder com a pena para testemunhar sua visão de mundo através de seu mais novo romance; segundo ele mesmo, um *romance naturalista*.

Estudante de direito, ainda em recife quando escrevera *O Pagé*, marques de Carvalho aprendera bem mais que tratados e leis. Passando pela Escola de Direito absorveu todo um conhecimento que florescia e formava inúmeros homens de letras. É nesse momento, que o literato se afirmava dentro do naturalismo, abandonando a “velha escola romântica”. De recife, escrevera o prefácio que introduz o romance. Mas que naturalismo era este que tanto se arrogava o literato? O que estava por de trás das linhas tintas desse tal naturalismo?

No Brasil, podemos dizer que o naturalismo ganhou contornos à medida que uma aristocracia imperial perdia espaço. Nelson Werneck Sodré (1965 apud SUSSEKIND, 1984, p.59) afirma que “a boa recepção da escola naturalista e do cientificismo correspondia ao crescimento acelerado de uma pequena burguesia urbana, em oposição ao poder até então exclusivo da ‘classe territorial’”. Para Flora Sussekind, o fato do naturalismo no Brasil ter sido um relativo sucesso de público, ou seja, moda, seria em razão das obras naturalistas terem atendido “a condições internas, que estavam organicamente ligadas a sociedade brasileira de fins do século passado.”(SUSSEKIND, 1984, P-59)

Sussekind(1984) ainda afirma que esse naturalismo seria uma postura ideológica que esteticamente buscava moldar uma identidade nacional, camuflando rupturas e ambigüidades que por ora vinham obstar seu projeto. Como um filho que herda as características do pai, ao naturalismo caberia seguir o curso de uma cultura literária em nosso país. Esse naturalismo funcionaria como uma câmera, que refletindo a realidade do país forjaria uma unidade. No entanto, percebemos que tal unidade é problemática, pois segundo Maria Carpeux (1975 Apud SUSSEKIND,1984), tanto a literatura latino americana, quanto a nossa vivem uma eterna busca por suas origens. Portanto, faltam-nos prerrogativas para a tão desejada identidade, sem contar nosso histórico de divisão social e dependência político-econômica.

De Zola para o Brasil esse naturalismo sofrera mutações, pois segundo Araripe Jr (1960 apud SUSSEKIND,1984), a escrita naturalista entre nós passa por um processo de aclimatação. De lá conservamos o estilo, porém, não seria mais a vida dos operários nas minas os protagonistas de nossa escrita; mais sim, as patologias sociais e psicológicas de nossa sociedade, dentro de seu próprio movimento histórico. Deixando de lado o socialismo de Zola para a análise de organismos vivos e doentes em nossa sociedade, o romance seria o laboratório onde o escritor expunha temperamentos e casos tidos como clínicos.

Assim, Marques de Carvalho, o mesmo que dois anos depois escreveria sobre um caso de incesto que testemunhara, propõe-se a narrar a vida cotidiana de uma família da elite belenense, pondo a olhos nus seus costumes naquela transição de século, além dos usos e desusos da tradição e saber popular da medicina, representado na figura de um Pajé. Quais os significados desses conflitos? De que forma o saber popular e o científico se entrecruzam no palco de constantes transformações? O que Marques de Carvalho queria nos dizer?

O romance *O Pagé* retrata a vida e os costumes de uma família abastada de Belém da segunda metade do séc. XIX. Família esta de um bem aventurado comerciante, que tivera a sorte de ganhar sociedade na empresa de seu patrão. Tal empresa tinha por função o escoamento da produção de borracha para a Europa, além da importação de inúmeros outros produtos utilizados nos seringais. Com a morte deste, torna-se o único proprietário, ficando rico. Depois de alguns infortúnios profissionais - o romance cita o naufrágio de um de seus navios que transportava borracha para Liverpool -, fica gravemente doente. Enfermo e sozinho conhece D. Josefa, filha de um amigo que o acudira em sua doença, vindo a casar-se com ela.

Têm juntos uma linda menina chamada Generosa, que aos quinze anos de idade ficara doente, preocupando seriamente a família. A trama começa neste momento, quando a menina é visitada por um médico a pedido de seu pai. A doença acalma, mas com o passar do tempo retorna mais forte, chegando próxima a uma tuberculose. Tanto o cenário quanto os personagens não diferem muito do que constantemente apareciam nos romances tidos como naturalistas no final de século. Tanto a casa burguesa, quanto a figura do médico, volta e meia se faziam presentes nas páginas de outros escritores.

Entre esses escritores, Aluizio de Azevedo em *O Homem* (1987), romance publicado no mesmo ano de publicação do folhetim *O Pagé*, traz à tona a figura do Dr. Lobão, personagem este que nos faz refletir sobre a importância da figura do médico naquela sociedade. Sussekind (1984) nos esclarece o significado disso, pois, segundo a autora, isso seria um reflexo dos debates à época sobre a ciência médica, além dos inúmeros tratados que foram publicados sobre essa temática nesse período. Logo, a presença do médico nessa sociedade era permeada de muita estima e confiança.

Os casos de histeria foram bem analisados pela autora, embora no caso d'*O Pagé*, não era a histeria o problema de nossa personagem. Marques de Carvalho parecia querer enfatizar mesmo a questão do embate entre um saber médico oficial, e outro tido como popular.

Diante da ineficácia dos recursos medicamentosos para atenuar a enfermidade da personagem protagonista, outros personagens secundários em meio a narrativa, propõe à

família da enferma o uso de beberagens. Em nossa região tal recurso medicinal do saber popular é comumente chamado de *garrafadas*, sendo “receitados” e preparados pelos curandeiros conforme um saber tradicional, misturando diversos produtos oriundos da floresta, seguindo as necessidades de determinadas doenças. Entretanto, a família é orientada por *Tia Faustina* a procurar em *Alenquer*² um pajé chamado Pedro, que poderia trazer a cura para a enfermidade de *Generosa*.

Tais personagens são descritos pelo autor de maneira a deixar claro o lado psicopatológico dos mesmos, dando realismo à trama, aproximando-o ao máximo de tipos humanos oriundos do cenário urbano de Belém. Não nos esquecendo que em sua literatura, o autor descreve o cotidiano e costumes dessa cidade na virada do século XIX, assim como, seus sujeitos e tipos sociais.

Percorrendo as linhas desse romance, ao leitor talvez parecesse fazer um *tour* pelas ruas da Belém do final do XIX. Além disso, transitar pelos espaços urbanos que uma elite da época e um grupo de intelectuais freqüentavam e discutiam os novos ideais e noticiários na ordem do dia.

A obra em folhetim finda com a ida da família burguesa para o interior cuidar da enferma, aonde lá viria a encontrar com um tal pajé chamado Pedro. Em seu desespero diante da enfermidade da filha e a impotência em trazer-lhe a cura, mesmo com a fortuna que possuía, o personagem recorre a este outro “personagem astucioso e *hypócrita*”, o pajé. O autor parece querer enfatizar o papel contraditório deste curandeiro naquela sociedade que buscava se modernizar, tal qual os princípios europeus da época. Além disso, Marques de Carvalho em nota de rodapé, reitera o caráter ambíguo de uma outra personagem que aparece rapidamente na trama; trata-se de *Tia Faustina*, figura conhecidíssima naquela sociedade, recebendo a alcunha de parteira, representa muito bem o confronto de um saber popular tradicional com um saber médico científico que ganhava muitíssima importância à época.

Não temos notícia da parte que prossegue com a obra, haja vista, que o *A República* encerra suas atividades em março de 1887, retornando somente em 1890. Mesmo na segunda fase desse jornal, não encontramos vestígios de sua continuidade. Embora tendo apenas a primeira parte do romance publicada em formato de folhetim, *O Pagé* nos traz o testemunho de uma parte da sociedade paraense, ou seja, uma elite ligada às atividades da

² Cidade do interior do Pará.

borracha, com seus conflitos e contradições, em meio a um universo efervescente de modernidade e repleto de transformações políticas, econômicas e sociais.

Maria de Nazaré Sarges (2002), ao descrever o processo de reestruturação do espaço urbano em Belém, aponta como fator importante o ideal de modernidade que o fim de século trouxera. Tal pensamento, voltado para os ideais de progresso e civilização, tinham reflexos nos costumes e hábitos da sociedade belenense. Embora saibamos do projeto do Estado para a civilização dos costumes, não podemos renegar as formas de resistência da sociedade para com essa política. Compreendendo assim, as expressões da tradição popular que volta e meia se faziam presentes na sociedade.

Segundo a autora

“[...]A cidade de Belém do Pará, apresentaria, assim, a partir da segunda metade do século XIX, tentativas de adaptação aos modernos costumes europeus, num profundo contraste com a realidade amazônica, além das tensões sociais geradas por uma nova ordem social capitalista emergente.” (SARGES, 2002, p.21)

Tais contrastes com a realidade da nossa região podem ser demonstrados a partir da negação de grupos identificados com esses ideais de civilidade à presença de figuras representativas do saber popular tradicional, como exemplo, os pajés e curandeiros, em plena capital da borracha belepoquiana. Essas eram questões muitas vezes discutidas e debatidas em artigos e folhetins na imprensa paraense. Esse é o caso do romance aqui presente, onde Marques de Carvalho traz à tona personagens tidos como exóticos num universo onde o “caudal modernizante” configurara um sentido para a sociedade contemporânea: o de civilização e progresso.

À intelectualidade da época não faltavam argumentos e inspiração para os debates na imprensa sobre teorias científicas e expressões da tradição popular. Em *O Pagé*, temos a personagem *Tia Faustina*, que Marques de Carvalho chama a atenção por representar uma figura tida como muito popular em nossa região. Trata-se de uma parteira, importantíssima naquele período e ainda hoje na Amazônia; e na obra em questão, fora responsável pelo parto de *Generosa*, nossa personagem principal. O literato afirma ser verídica a existência dessa

famosíssima parteira, pois menciona ter tirado inspiração para a personagem num artigo de um periódico da época, chamado *O Gram Pará*.

Outro intelectual que também escrevia sobre essas manifestações populares na Amazônia era um jornalista que assinava pelo sugestivo nome de *Sganarello*; pseudônimo de Pádua Carvalho, um folclorista tido como fundador da etnografia em nosso país, que escrevia sobre diversas temáticas sob várias formas, indo do folhetim a escritos acadêmicos sobre etnografia. De pajés à princesa de *Mayandéua*, explorou e discutiu de diversos ângulos as formas de religiosidade presentes na Amazônia.

Analisando a bibliografia de final do século XIX que discutia religiosidade e folclore na Amazônia, o historiador Aldrin Figueiredo desvenda um outro lado dos literatos que escreviam nos jornais do período. Ou melhor, os diversos lados desses intelectuais, que com uma pena, escreviam sobre uma infinidade de temáticas, recebendo o apelido de “polígrafos” por este historiador. N’A *Cidade dos Encantados*, pajés e feiticeiras caminham lado a lado com a modernidade. Na capital da borracha – como dito – era muito comum figuras que se arvoravam encantados resolverem os mais diversos problemas da sociedade no que diz respeito à curandeirismo, magias e “malfazejos”.

Almejando “recuperar formas de religiosidade popular na capital da borracha” acaba descobrindo o mundo da pajelança. Segundo Figueiredo: “o cotidiano das camadas populares estava longe de espelhar a beleza europeizada que a época sugere para toda uma literatura que existe sobre o período” (FIGUEIREDO, 1992 p.8 – 9). Dito isto, não fora difícil para o historiador encontrar figuras como a do pajé cearense Raimundo, que aparece nos jornais como ladrão, assim como, um pajé Português chamado Manuel dos Santos.

O que nos chama atenção é como tudo isso coexistia com um ideal de civilização e progresso. Para uma cidade que enriquecia com os lucros advindos da borracha e que buscava se modernizar, tal qual as grandes metrópoles européias, aceitar esse tipo de expressão popular e tradicional era concordar com o atraso e barbarismo. E isso não era bem quisto por uma elite social e intelectual que desfrutava a “bela” época.

Os ideais de cientificidade, muito em voga na época, despontavam como arcabouço teórico para a nossa *intelligentsia*. Segundo Lília Schwarcz, “a década de 70 é entendida como um marco para a história das idéias no Brasil, uma vez que representa o

momento de entrada de todo um ideário positivo-evolucionista(...)” (SCHWARCZ,1993). No Pará, entre outros, Marques de Carvalho era um dos que bebiam desse novo ideário.

Apontado como um dos precursores do naturalismo no Pará, nosso literato muito fizera pela causa republicana em nosso país, além de escrever em favor de um projeto de civilização onde a um saber popular já não restava mais espaço, num tempo onde o saber científico influenciava mentalidades, forjando uma visão de mundo, como dito, muito distante da realidade de nossa região.

Não temos a parte final do romance aqui apresentado, restando dúvidas sobre se nossa personagem obteve a cura de sua enfermidade quando da viagem a *Alenquer* buscar os serviços de Pedro, o Pajé da região. Todavia, como o prefácio da obra esclarece, ao personagem astucioso e hipócrita com certeza não caberia os *louros* e *faustos* daquela modernidade tão aclamada e percebida nos áureos tempos da bela época.

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Alexandre Souza. *Vamos à Vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (1904-1911)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006.

ARARIPE Jr. T. A. “*A Terra, de Emílio Zola e O Homem, de Aluísio de Azevedo*” in: *Obra Crítica de Araripe Jr.*. Vol. II. RJ: Casa de Rui Barbosa, 1958.

AZEVEDO, Aluísio de. *O Homem*. RJ: Livraria Garnier, s.d.

BARBOSA, Maurel F. *As Bellas Letras na Construção da República(1886-1887)*. Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

CANDIDO, Antônio. *José Veríssimo: Teoria, Crítica e História Literária*. RJ: Editora da USP, 1978.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FARIAS, William Gaia. *A Construção da República no Pará(1886-1887)*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade Fluminense. RJ, 2005.

_____. *Os Intelectuais e a República no Pará(1886-1887)*. Dissertação de Mestrado. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2000.

FIGUEIREDO, Aldrin M. de. *A Cidade dos Encantados: pajelança, feitiçaria e religiões afro-brasileiras na Amazônia – a contribuição de um campo de estudos*. Campinas, 1996. Dissertação de mestrado em História Social – IFCH/Departamento de História, UNICAMP.

_____. *Páginas Antigas: uma introdução à leitura dos jornais paraenses, 1822-1922*. In: VIEIRA Jr. Antônio O. *et ali. Margens: revista multidisciplinar do núcleo de pesquisa – CUBT/UFPA*. Belém: Paka-Tatu, 2005.

GIZBURG, Carlos. *Os Fios e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício*. SP: Companhia das Letras, 2007.

GRAMSCI, Antônio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. RJ: Paz e Terra, 1996.

NUNES, Benedito. *Crivo de Papel*. Ed. Ática, 1998.

PINTO, Louis. “A Teoria dos Campos” In: Pierre Bourdieu e a Teoria do Mundo Social. RJ: Ed. FVG, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque – 1870-1912*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. SP: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Nelson W. *História da Literatura Brasileira*. RJ: Grafhia, 2002.

SUSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? : uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. RJ: Achiamé, 1984.